



Acta Scientiarum. Language and Culture  
ISSN: 1983-4675  
eduem@uem.br  
Universidade Estadual de Maringá  
Brasil

Fraga, Letícia  
Atitudes linguísticas e r-força em Carambeí  
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, n.º 2, 2009, pp. 155-168  
Universidade Estadual de Maringá  
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426642009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

# Atitudes linguísticas e r-forte em Carambeí

Letícia Fraga

*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Rua Pedro Mascarenhas Ribas, 131, 84015-760, Jardim Carvalho, Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: leticiafraga@gmail.com*

**RESUMO.** Considerando que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e linguisticamente, este estudo pretende, de acordo com o método etnográfico: a) fazer um levantamento das atitudes linguísticas que os ‘holandeses’ manifestam em relação às línguas holandesa e portuguesa; b) analisar a variedade de português falada pelos ‘holandeses’ de Carambeí no que diz respeito ao uso do r-forte; e c) estabelecer que tipo de relação se dá entre atitudes linguísticas e uso de determinada variante de r-forte no português. No que diz respeito às atitudes em relação ao holandês, os Grupos 1M, 1F e 2Fa manifestam atitudes positivas, ao passo que os Grupos 2M e 2Fb têm atitudes negativas, assim como os Grupos 3M e 3F. Já em relação ao português, a comunidade como um todo manifesta atitudes positivas. No que diz respeito ao uso de r-forte, os grupos 1M e 1F usam vibrante múltipla e tepe; o Grupo 2M também usa a vibrante e o tepe; já o Grupo 2Fa usa somente vibrante e tepe e o Grupo 2Fb usa fricativa e vibrante. Os Grupos 3M e 3F usam somente fricativa. Enfim, pode-se dizer que determinadas atitudes contribuem para o uso de determinada variedade de r-forte.

**Palavras-chave:** atitudes linguísticas, r-forte, variedade de português de Carambeí.

**ABSTRACT. Linguistics attitudes and strong-R in Carambeí.** Considering that Carambeí Township is fairly complex, both culturally and linguistically, this study intends to: a) survey the linguistic attitudes that the ‘Dutch’ reveal concerning the Dutch and Portuguese languages; b) analyze the variety of Portuguese spoken by the ‘Dutch’ of Carambeí regarding the use of strong-R; c) establish what sort of relationship takes place between linguistic attitudes and use of certain varieties of the strong-R in Portuguese. About the attitudes regarding the Dutch language, Groups 1M, 1F and 2Fa show positive attitudes, while Groups 2M, 2Fb, 3M and 3F show negative attitudes. Portuguese, on the other hand, elicits positive attitudes in the community as a whole. Regarding the use of strong-R, groups 1M and 1F use trill and tap; group 2M also uses trill and tap; Group 2Fa uses trill and tap and Group 2Fb uses fricative and trill. Groups 3M and 3F use only fricative. Finally, we can assume that specific attitudes contribute to the use of certain varieties of the strong-R.

**Key words:** linguistic attitudes, strong-R, Portuguese language – dialects – Carambeí.

## Introdução

Neste artigo, pretende-se descrever a situação linguística da comunidade ‘holandesa’<sup>1</sup> de Carambeí, mais especificamente a relação entre as atitudes linguísticas manifestadas pelo indivíduo holandês em relação às línguas – e variedades de língua – que fala e determinada variante de r-forte na variedade de português falada em Carambeí, tomando como unidade de análise a comunidade de fala holandesa, a

família e o indivíduo bilíngues em português/holandês. Como hipótese de trabalho propõe-se que: em relação à língua holandesa, os mais velhos manifestam atitudes positivas e os mais jovens, atitudes negativas. Já em relação à língua portuguesa, ambos manifestam atitudes positivas. Em função disso, a variante de r-forte tende a tepe<sup>2</sup> quanto mais as atitudes em relação ao holandês forem positivas e, por outro lado, a fricativa, quanto mais as atitudes forem negativas em relação ao holandês.

## Material e métodos

Nesta pesquisa, para fazer o levantamento dos dados a respeito da identidade dos ‘holandeses’ de

<sup>1</sup> Neste trabalho, as designações ‘holandês(es)’/‘holandesa(s)’ (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações ‘brasileiro(s)’/‘brasileira(s)’ (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses. A opção por estas designações deu-se por duas razões: os próprios ‘holandeses’ de Carambeí fazem esta distinção (referem-se a si mesmos como ‘holandeses’ e distinguem-se dos ‘não holandeses’, a quem chamam ‘brasileiros’) e Rickli (2003) propõe em seu trabalho sobre a colônia de Castrolandia a utilização do termo ‘brasileiro’ como referência ao indivíduo que nasceu no Brasil e que não tem ascendência holandesa.

<sup>2</sup> Neste artigo, usamos o termo tepe para nos referirmos à vibrante simples alveolar. Em português, este fonema é representado ortograficamente pela letra r e aparece sempre no interior da palavra, como em “cara” (CRYSTAL, 1988, p. 251).

Carambeí e da variante de r-forte na variedade de português falada nessa cidade, utilizou-se o método etnográfico, pois estudos etnográficos muito têm contribuído para o entendimento da história da cultura de diferentes povos, uma vez que possibilita que “uma variedade de métodos sejam utilizados para minimizar a imposição das percepções e categorias culturais [do pesquisador] no registro e interpretação de um outro sistema”, como afirma Saville-Troike (1989, p. 128). Portanto, utilizar o método etnográfico significa levantar todos os dados possíveis de uma comunidade, no sentido de investigar um determinado grupo e sua cultura específica.

A investigação da comunidade ‘holandesa’ de Carambeí, mediante aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, compreendeu aproximadamente o período de um ano e meio: de março de 2005 a agosto de 2006. A observação como *sympathetic participant-observer* ou como *analytical participant-observer*, isto é, junto com o grupo e sobre o grupo, foram ambas adotadas, já que a comunidade está relativamente acostumada a tais formas de observação, principalmente pelo contato com jornalistas, com turistas do país e do exterior e com pesquisadores.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram a observação, a entrevista e o questionário, que são bastante relevantes no caso de um trabalho de campo na área de sociolinguística, como este estudo.

Os informantes selecionados para a entrevista residem tanto numa pequena área urbana, quanto em locais mais afastados, na área propriamente rural (em fazendas e sítios) e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas as localizações, uma vez que se visitaram várias famílias ‘holandesas’ de Carambeí. No total, entrevistaram-se 24 pessoas.

Os critérios gerais preestabelecidos para seleção dos informantes foram os seguintes: a) ter mais de 18 anos; b) ser descendente de holandeses (pelo lado materno ou paterno); c) ter nascido (ou se mudado até os 5 anos) e sempre vivido na região de Carambeí; d) ser bilíngue em português/holandês em algum grau.

Na Tabela 1 pode-se observar o perfil dos informantes que forneceram os dados referentes à discussão sobre as atitudes linguísticas da comunidade de fala dos ‘holandeses’ de Carambeí.

**Tabela 1.** Perfil sociocultural dos informantes.

Informante	Sexo	Idade	Ascendência	Profissão
DG	M	70	pais holandeses	aposentado
HS	M	73	pais holandeses	agricultor
JG	M	71	pais holandeses	pecuarista
BD	M	71	pais holandeses	agricultor
JLG	F	75	pais holandeses	dona de casa
WGG	F	75	pais holandeses	dona de casa
THS	F	72	pais holandeses	dona de casa
WCGE	F	74	pais holandeses	dona de casa
AF	M	50	pais holandeses	contador
BD	M	50	pais holandeses	guia de museu
WD	M	47	pais holandeses	agricultor
RW	M	46	pais holandeses	pecuarista
RHB	F	44	pais holandeses	secretária
IS	F	43	pais holandeses	dona de casa
WSGG	F	41	mãe indonésia e pai holandês	dona de casa
AJWB	F	42	pais holandeses	professora
CD	M	23	avós maternos e paternos holandeses	estudante
FF	M	22	avós paternos holandeses	estudante
DF	M	24	avós paternos holandeses	estudante
MG	M	21	avós maternos e paternos holandeses	estudante
GF	F	22	avós paternos holandeses	estudante
SSM	F	21	mãe holandesa e pai ‘brasileiro’ (filho de pais holandeses)	estudante
MD	F	20	avós maternos e paternos holandeses	estudante
FD	F	21	avós maternos e paternos holandeses	estudante

Os informantes foram divididos em grupos, de acordo com os critérios de idade e sexo. A divisão por faixa etária é relevante neste estudo, pois um dos seus objetivos é verificar se há diferentes graus de uso das línguas nas diferentes gerações, diferentes manifestações de crenças e atitudes em relação ao holandês e ao português e diferentes manifestações de identidade, além de diferentes pronúncias de r-forte. Foram consideradas três faixas etárias: o primeiro grupo abrange pessoas com mais de 70 anos de idade (primeira faixa etária), o segundo compreende informantes entre 35 e 50 anos (segunda faixa etária) e o terceiro grupo é formado por jovens de 18 a 25 anos (terceira faixa etária).

Já a divisão por sexo justifica-se pelo fato de que homens e mulheres falam de acordo com os papéis que exercem em cada comunidade (PAIVA, 2004). Por essa razão, homens e mulheres podem apresentar diferentes graus de uso das línguas holandesa e portuguesa, diferentes crenças e atitudes em relação a essas línguas e manifestar diferentes identidades, além de apresentar comportamentos diferentes em relação à pronúncia do r-forte. Assim, o conjunto dos informantes foi dividido em seis grupos:

a) Grupo 1M: informantes DG; HS; JG; BD. O Grupo 1M é o grupo dos idosos de Carambeí. Têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português.

b) Grupo 1F: informantes JLG; WGG; THS; WCGE. O Grupo 1F é o grupo das idosas de

Carambeí. Têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português.

c) Grupo 2M: informantes AF; BD; WD; RW. O Grupo 2M é o grupo dos que representam os adultos descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 45 e 50 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português.

d) Grupo 2Fa: informantes WSGG; AJWB.

e) Grupo 2Fb: informantes RHB; IS.

O Grupo 2Fa e o Grupo 2Fb são os grupos que representam as mulheres adultas descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 40 e 45 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português. A subdivisão desse grupo se deve ao uso de fricativa, presente na fala do Grupo 2Fb e ausente no Grupo 2Fa.

f) Grupo 3M: informantes CD; FF; DF; MG. O Grupo 3M é o grupo dos jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos e estão concluindo o ensino superior. Parte do grupo é somente bilíngue incipiente em holandês/português.

g) Grupo 3F: informantes GF; SSM; MD; FD. O Grupo 3F é o grupo das jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos. Parte do grupo também é somente bilíngue incipiente em holandês/português.

Mediante a comparação entre essas diferentes amostras, acredita-se ser possível a generalização dos resultados obtidos.

## Referencial teórico

### Atitudes linguísticas dos 'holandeses' de Carambeí

Os estudos sobre atitudes linguísticas – que, a princípio, couberam à Psicologia Social – investigam as atitudes positivas ou negativas que os falantes manifestam sobre a sua própria fala e a de outras pessoas. Segundo Giles e Ryan (1982), estudos que analisam as atitudes linguísticas de uma comunidade são importantes porque toda sociedade tem variedades de língua e de estilo que coexistem de forma competitiva e contrastante, variedades essas que podem envolver diferentes línguas ou apenas diferentes estilos de uma determinada língua. Todas as pessoas, quer falem uma ou mais línguas, pertencem pelo menos a uma comunidade de fala, de modo que as variedades de fala e as normas apropriadas a esses usos é que agregam tais indivíduos em uma comunidade. Assim, no âmbito da sociedade, as diferenças advindas de distintos grupos sociais encontram-se refletidas na variação da linguagem e nas atitudes dos indivíduos diante dessas variações (GILES; RYAN, 1982).

No que diz respeito especificamente à noção de atitude linguística adotada nesta pesquisa, considere-se que:

Ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo selevidades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2000, p. 36).

As atitudes linguísticas podem dizer muito sobre as relações sociais que se estabelecem entre os grupos, além de exercerem papel fundamental no processo de variação e mudança linguística (AMÂNCIO, 2007). Se os 'holandeses' têm atitudes positivas em relação ao português e atitudes negativas em relação ao holandês, é possível que futuramente o português seja a única língua falada pela comunidade. A esse respeito, Fernández (1998, p. 179, tradução nossa) afirma que:

Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se dê mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se restrinjam a estilos monitorados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança lingüística<sup>3</sup>.

Enfim, em interações sociais, a forma de fala é um indício de informações sociais e, mesmo que, em si, não seja nem boa e nem ruim, é objeto de avaliação. Nesse sentido, analisar-se-ão, na sequência, as atitudes linguísticas que os 'holandeses' de Carambeí manifestam em relação às línguas portuguesa e holandesa.

### Atitudes dos 'holandeses' de Carambeí em relação às línguas portuguesa e holandesa

Os dados obtidos a respeito das atitudes linguísticas da comunidade de 'holandeses' de

<sup>3</sup> Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.

Carambeí serão apresentados a seguir por grupo de informantes.

### Grupo 1M

#### Quanto à língua holandesa

O Grupo 1M manifesta uma atitude positiva em relação à língua holandesa como língua que se fala em casa, com a família, e na Igreja. Afirma que a língua holandesa era falada por todos, inclusive por muitos ‘brasileiros’.

Aqui na colônia, a família Ramos [‘famos’], por exemplo, todo holandês [todos falavam holandês]. Morava aqui na colônia e todos falavam holandês, então eles aprenderam falar holandês também. Quando nós éramos crianças, sabe? Tinha duas, três famílias de brasileiros que moravam [aqui]. Ramiro [‘ra’miro] fala até hoje holandês (HS).

Para muitos, o holandês é considerada uma língua mais ‘fácil’ e ‘adequada’ do que a língua portuguesa, principalmente quando se discutem assuntos domésticos ou religiosos.

Eu não tenho coragem de fazer orações em português. Só em holandês. É a língua de mamãe (HS).

Este grupo é o único que ainda faz um esforço mínimo para que a língua holandesa permaneça viva na comunidade, seja por meio da realização de eventos (como a 1<sup>a</sup> Festa do Imigrante), ou por meio da publicação da revista *Regenboog*, em holandês. No entanto, a pedidos, essa revista está, aos poucos, deixando de ser escrita somente em holandês.

Nós temos uma revista [re’vista] em holandês. Chama *Regenboog*. Traduzindo, o ‘arco-fris’, né? Eu escrevo, nos últimos tempos, agora que eu to mais aposentado. Sempre escrevo uns artigos. Até pra mim é bom, porque eu treino o meu holandês de novo. Dessa revista que sai, de vez em quando eu participo de umas reuniões [reuniõis]. [E] eles tão muito preocupados em como fazer. Nós começamos no ano passado a colocar alguns artigos em português pra ver a reação [reasâü], né? E a reação foi boa, né? Até os holandeses leram. Vamos ver [como] gradativamente [vai] passar, né? Um pouquinho em português, mais em português. Chega no meio a meio. Talvez, futuramente, continuar com essa revista, só mudar de nome. Em vez de *Regenboog*, em holandês, jogar pra ‘Arco-Íris’, né? E passar pro português. É uma revista que circula nas cinco, seis comunidades holandesas do Brasil, e é bem lida, né? (DG)

Neste grupo, é comum que o casal fale somente holandês entre si e, por essa razão, muitos dizem não entender por que os filhos, casados com ‘holandeses’, só falam português entre si.

Segundo o grupo, os filhos falam muito mal holandês, talvez ‘por isso falem com tão pouca frequência’ ou mesmo falam mal ‘porque falam com pouca frequência’. ‘Uma coisa puxa a outra’, dizem.

Eles tão traduzindo português pro holandês. Sai um holandês muito esquisito (HS).

Alguns membros do grupo atribuem a substituição do holandês pelo português ao contato com a escola, onde só se fala português.

E no início tinha programa português e de tarde tem holandês, na escola. Porque durante parte do dia, os alunos também tinham aula holandês. Eu só dei aulas de holandês pra eles, mas agora é longe disso. Ah, mudou, isso mudou completamente, do holandês para o português (HS).

Pois é muito frequente, segundo o grupo, que as crianças, enquanto estão apenas em casa, falem somente holandês, passando a falar português (e a ‘abandonar’ o holandês) quando começam a frequentar a escola.

Ele [o neto] só fala holandês em casa. Mas a partir do momento, daqui um ano, dois anos, quando ele vai pro jardim, aí em dois, três meses, ele muda, ele ensina fácil. Isso aqui é tão rápido [‘rapidu’], né? Em dois ou três meses eles falam português e não querem mais falar holandês. Isso que é interessante. Uma vez que eles aprendem o português, daí eles falam. Mas é interessante que, no que eles souberem, conseguirem falar em português, eles nem com os pais falam holandês. É uma regra [‘regfa’], praticamente (DG).

O grupo também considera que a Igreja Reformada tem sua parcela de ‘responsabilidade’ no desuso da língua holandesa, uma vez que passou a oferecer cultos em português simultaneamente aos cultos em holandês.

Enfim, há quem acredite que não se aprende mais holandês na comunidade por ‘pura falta de interesse’, uma vez que muitos jovens falam inglês fluentemente. Ou seja, não há uma ‘dificuldade em aprender línguas estrangeiras em si’ e sim um desinteresse generalizado pela língua holandesa.

Mas elas [as netas] não se interessam de falar holandês. Entendem bem, porque elas realmente [são] muito dedicadas e tentaram aprender. Mas só que o inglês, por exemplo, todas as três falam, né? (DG)

#### Quanto à língua portuguesa

O grupo considera importante aprender a língua portuguesa, porque esta é a língua ‘do mundo fora da Colônia’. Por essa razão, orgulha-se de que seus filhos ‘falem bem’ português, o que, segundo ele, é a

garantia de sucesso dentro e fora da comunidade. Aprender a língua portuguesa significa não ser discriminado, pois o português é a língua das pessoas ‘estudadas’.

Portanto, o grupo manifesta uma atitude positiva em relação à língua portuguesa. Na perspectiva deste grupo, a língua portuguesa é sinônimo de promoção social e respeitabilidade.

Como traço geral do comportamento linguístico do grupo, é possível apontar que, em seu comportamento bilíngue, os domínios do holandês e do português são bem definidos. Em outras palavras, a língua holandesa é a língua do domínio privado e da Igreja e o português é a língua do domínio público onde se estabelecem as relações fora da comunidade.

Em termos gerais, muitos consideram a língua portuguesa ‘difícil’, mas ‘bonita’, ‘que soa bem’, ‘suave’.

O brasileiro é muito bonito. Gosto de escutar português (JG).

Português tem palavras como ‘liquidificador’ e ‘Jaguaráíva’, que dobra língua. ‘Excelentíssimo senhor’. São ‘quebra-línguas’, mas aprendi. Repete várias vezes, né? (HS)

Essa geração ensinou holandês como língua materna aos filhos sem se preocupar com questões como sotaque (‘o sotaque holandês no português’). Muitos, inclusive, deixaram a cargo da escola a tarefa de ensinar português aos filhos.

### Grupo 1F

#### Quanto à língua holandesa

Segundo o Grupo 1F, seria muito bom que se continuasse falando holandês na comunidade, porque a manutenção da língua ajudaria a conservação dos valores da tradição da família ‘holandesa’. No entanto, assim como os idosos, as idosas também se mostraram conformadas com o fato de os jovens não se interessaram mais em aprender holandês.

Mesmo os mais velhos, que, segundo o grupo, são os que têm mais interesse em falar holandês, parecem ‘não ter mais tempo para isso’.

Uma vez no mês [há] um reunião, [reunião] dos vellinhos, mas dos holandeses. Desses pra lá de 60 anos ou 65 ou alguém que está sozinho [viúvo]. Daí eu vou também. A gente toma uma chá, um café, o que quiser. Daí alguém lê um trecho, bonitinho, assim curtinho, um trecho santo, né? Daí pergunta se querem mais café, daí fazemos joguinhos. De três até quatro [horas] é café e comer. De quatro pra cinco horas é joguinho. Cinco horas termina e todo mundo vai embora. É na última quinta-feira do mês. Do lado

da igreja reformada [refor'mada]. Também pode entrar qualquer, nem que fosse católica. É a tarde que falam holandês. É pouco, mas também cada um tem seus compromissos (JLG).

Para o grupo, a língua holandesa é ‘delicada’, ‘maternal’. É a língua da relação entre mãe e filho.

Falo holandês com os filhos, mas principalmente com minha filha. Ela mora em São Paulo. Eu sempre falo quase holandês com ela. Com meu filho mais velho também. Tem mais costume (WGG).

Todas se comunicam com os filhos (e principalmente com as filhas!) em holandês e muitas até exigem que filhos e filhas respondam em holandês, não admitindo sequer que os filhos possam ter dificuldades em falar o idioma.

Por isso que eu brigava sempre com as filhas. Puxa vida, eu consegui [aprender] três [línguas], porque vocês não conseguem duas? (HLV).

Por essa razão há quem defende a importância da aprendizagem ‘funcional’ da língua holandesa, uma vez que não é raro que seus filhos e netos vão estudar ou mesmo morar definitivamente na Holanda.

Por que não aprender holandês? A gente nunca sabe o dia de amanhã. Por isso que eu achei Anne esquisita. Annike, quando foi pra Holanda, filhos nenhuma sabia nenhuma palavra em holandês. Cabou foi pra Holanda (WGG).

O grupo afirma sentir-se à vontade quando fala holandês, é a língua que prefere falar, mas afirma ter dificuldades em escrevê-la, acha ‘muito difícil’.

Ecrevo [em holandês], mas não sem falhas. Eu tenho parente na Holanda. Então, sempre comunica (JLG).

#### Quanto à língua portuguesa

O grupo manifesta uma atitude extremamente positiva em relação ao português. Para ele, o domínio da língua portuguesa é sinônimo de que a pessoa teve mais estudos e de que, portanto, terá melhores oportunidades na vida fora da colônia.

Muitas informantes, de certa forma, afirmam se arrepender de não ter aprendido a falar português ‘melhor’ e então se esforçam em falar português em todos os momentos, inclusive na igreja, o lugar em que é mais difícil falar português, segundo o grupo.

Eu to numa outra igreja, [onde] eu só escuto português então [estou] satisfeita. Só que eu lia muito a bíblia holandês e orava em holandês, né? Porque a gente pensa em holandês. Ái eu fiz o costume de parar com isso e vou agora ler bíblia em

português. Mas de noite lá no travesseiro eu pego holandês ainda, interessante, né? A gente ta tão acostumado... Oração faço em português, mas não é tão bem. Falar com Deus também não faz mal em português, né? Porque ele entende tudo, né? Eu sempre fiz em holandês e eu falo agora em português pra Ele. Ontem nós fizemos oração lá. [Eu] não tava assim pensando muito em português, mas aí fez, eu acho (WGG).

Assim como os idosos, as ‘holandesas’ também consideram que a língua portuguesa é ‘muito bonita’, que ‘soa bem aos ouvidos’.

Português tem umas palavras bem bonitos (WGG).

## Grupo 2M

### Quanto à língua holandesa

O grupo afirma ter aprendido primeiro a falar holandês, em casa, com os pais.

Meu pai é holandês. Eles falavam em holandês comigo, só holandês. Depois que fomos pra escola, mais português (WD).

E há quem ainda fale holandês com parentes da mesma faixa etária.

[Com] um concunhado que é da minha idade, acontece da gente falar holandês, mas é muito difícil, normalmente. Aqui em casa o que leva a gente tentar falar holandês é tentar deixar os filhos aprender. Agora, na rua ['fua], ou em algum lugar assim, dificilmente a gente fala holandês. Só português (BD 2M).

No entanto, atualmente, segundo os homens adultos da comunidade, a língua holandesa é uma língua ‘inútil’, ‘que não serve para nada’, a não ser para ser usada em interações com os idosos da família.

Pra esse mundo, holandês, aqui, não serve pra nada. Infelizmente, infelizmente. Pra ser bem profissional, pra que que serve holandês, hoje, nessa região? Porque fora de Carambeí, ta em Ponta Grossa já não serve. Noventa por cento da comunidade aqui não fala holandês. Serve pra quê? Só pros avós. Satisfazer tua mãe (AF).

Mas alguns membros do grupo consideram que têm verdadeira obrigação de falar bem holandês, que devem isso aos pais, que, por sua vez, não têm culpa de não saber português.

Eu converso bastante holandês com minha mãe. Agora, falar português... Ela até tentou, aos 80 anos, fazer um curso. É, de aula de português, pra aprender a ler. Mas não é nem justo. Minha mãe entende um pouco de português, mas ela veio em quarenta e oito pra cá, então... (BD 2M)

A maioria considera que a língua holandesa já teve o seu auge e prevê que em pouco tempo o holandês não será mais falado na comunidade.

Então no início era só holandês. Daí já começou misturar um pouco. Então com o tempo aqui vai virar tudo brasileiro. Tudo a língua portuguesa. Uma pena. Eu acho uma pena, mas não tem curso de holandês. Na escola tem, mas não adianta muito. As crianças não aprendem aquilo ali. Daí saem dessa escola, [na] rua ['fua] vira português. Não adianta, né? Se tivesse um tipo de intercâmbio entre as colônias holandesas e a Holanda... (BD 2M)

Prova de que essa mudança está operando-se é o fato de que muitos membros do grupo, no início de sua vida de casado, só falavam em holandês à esposa e aos filhos, situação que mudou com o passar do tempo.

No início de casado nós só falávamos holandês dentro de casa e daí com o tempo foi se perdendo, né? (BD 2M)

Segundo alguns, é bom que essa mudança se dê rapidamente, pois essa ‘experiência de colônia fechada já durou tempo demais’.

O holandês foi bom enquanto durou, já serviu. Inclusive a gente tem muita experiência [com] um pessoal do Canadá. Eu sempre comparo com Canadá. No Canadá, eles não tiveram essa experiência de colônia e tudo. Lá eles se integraram direto, e os mais idosos e todo mundo, inglês, inglês, inglês. Igreja, inglês. Escola, inglês. Tudo inglês (AF).

Parte do grupo ainda mantém uma fala pública de que ‘tentou’ ensinar holandês aos filhos, mas que não obteve sucesso, ‘porque na rua se falava português e na escola se falava português’.

Era uma meta nossa deixar ele aprender holandês. A ideia era fazer isso com os três filhos (BD 2M).

Mas a maioria insiste na ideia de que ‘saber holandês não serve para nada’, mesmo que seus filhos saibam. Nesses casos, é comum afirmarem que ‘os filhos falam holandês não por minha culpa, mas por causa dos avós’. Não é mérito dos avós, mas culpa. E culpa dos pais também, porque permitiram que os avós ensinassem holandês aos netos.

Meus três filhos falam holandês não por causa de mim, nem por causa da minha esposa. Falam por causa dos meus pais. Meus filhos saíram de casa falando português, dentro do carro ['karo]. Pisavam dentro da casa da mãe, elas começavam falando holandês porque sabiam que o vô e a vó não falaram português. Então eles começavam a falar em holandês. E hoje o mais velho até o dialeto dos meus pais, que é Groningen, ele fala e ele entende. Mas

também isso foi culpa nossa, porque ser primeiro neto, ficava na casa dos avós, né? A vó adorava. Chegava em casa, falava português e na casa dos meus pais, em holandês. É incrível! Eles têm 24 e 22 anos e hoje ainda eles entram na casa e falam holandês. Parece que a porta é que inventou essa mudada (AF).

Se pudessem escolher (ou mudar o que houve?), esses pais ‘tinham ensinado aos filhos inglês’ e não holandês.

Eu aconselho todo mundo que tem os filhos [fazer com que eles aprendam inglês]. Que vai vim que nem o *tsunami* veio. Vai nos atropelar aqui nesse país, porque tá cada vez pior, né? Eu vejo na Internet com meus filhos. Às vezes um site lá, que você precisa entrar, é só em inglês. Já não tem mais em português. É emprego, inglês fluente. Primeira coisa que eles põem ali: ‘inglês fluente’. Meu filho já deixou de ter um emprego melhor por falta daquele inglês fluente. Se fosse holandês fluente, ele tava contratado, então. Não, eu acho que o, o holandês foi bom enquanto durou, mas agora já serviu (AF).

Apesar de ser considerada uma língua ‘difícil’ e ‘menos bonita’, ‘menos sonora’ do que o português, para o grupo o holandês é uma língua ‘interessante’, que oferece ‘mais recursos’ do que a língua portuguesa.

O português é uma língua mais bonita que o holandês, né? Mas a língua holandesa, ela é mais, sei lá, ela te dá mais recursos [re'kursos] (WD).

#### **Quanto à língua portuguesa**

Para os informantes do grupo, em comparação ao holandês, a língua portuguesa é uma língua ‘mais bonita’, ‘melhor de ouvir’, além de ‘mais fácil’.

É muito difícil falar em holandês, difícil! Português é muito mais fácil. Português se fala com muito mais frequência. Então vai conversar com alguém, fala em português (RW).

Além disso, o português é a língua que não ‘tem limites’ porque pode ser usada com quase todas as pessoas e em quase todos os lugares, diferentemente da língua holandesa, que é mais ‘restrita’ em termos de falantes e domínios.

Outra qualidade atribuída ao português é a de ser uma língua que aproxima ‘holandeses’ e ‘brasileiros’, como se estes pertencessem a um único grupo. Principalmente se a variante de português utilizada for a mesma falada pelos ‘não-holandeses’ da região.

Eu falo com meus peão português de peão. ‘Farta’, ‘sor’, ‘carça’... Só assim eles me entendem e me respeitam [res'peitāũ] (AF).

Enfim, o grupo manifesta atitudes extremamente positivas em relação à língua portuguesa.

#### **Grupo 2Fa**

##### **Quanto à língua holandesa**

O grupo 2Fa apresenta atitudes positivas em relação à língua holandesa. Parece não ter problemas em ‘ser holandês(a)’ e falar holandês no Brasil – ou pelo menos não manifesta isso abertamente.

No começo, o pai antigamente falava: ‘fale holandês ou cale a boca’, né? Eu me sentia assim, eu me lembro que eu não queria falar holandês. Você não valorizava aquilo, mas agora, mas agora você valoriza bem mais (WSGG).

Em muitos depoimentos, percebe-se que as informantes se arrependem de não ter ensinado holandês aos filhos, mesmo que esta tenha sido uma decisão consciente, para ‘evitar que os filhos fossem tão discriminados e sofressem tanto’ quanto elas sofreram. E para amenizar esse sentimento de culpa, percebe-se que existe uma pequena esperança de que as coisas, um dia, sejam diferentes. É bastante frequente a menção à crença de que a língua holandesa ‘está no sangue’ (e no subconsciente!) dos carambeienses, adormecida, podendo, portanto, ‘vir à tona’ num passe de mágica a qualquer momento.

Eles entendem, eles entendem alguma coisa. Mas falar, formar frases, assim, daí não. Eles dizem: pra que que eu tenho que aprender? Mas isso aí retorna [re'torna] depois, né? Depois que, que, que eles vão ficando mais de idade, eles cai na real [re'au]. ‘Por que que eu não fiz isso?’ ‘Por que eu não aprendi mais’, né? Daí que eles se cai, na, na, na real (AJWB).

Outra atribuição interessante conferida à língua holandesa pelas mulheres é a de língua de privacidade, intimidade.

Quando eu saio pra comprar roupa [ropa] com a minha irmã, nós sempre falamos holandês, pra falar mais sossegado (WSGG).

Por essa razão, o holandês é a língua preferida pelo grupo para ‘xingar’, principalmente na frente dos filhos, que não podem entender o que ouvem.

Eu gosto de xingar em holandês, né? Porque não, não dá certo em português, né? Tem aquelas palavras que é mais pesado. Eu xingo eles em holandês (WSGG).

Eu às vezes falo, pra dizer a verdade. É sem querer mesmo. Eles sabem que eu to falando palavrão. Mas eles não sabem o que significa, né? Pra gente é melhor (AJWB).

Enfim, para o grupo, o holandês também é a língua preferida para as orações, mesmo as improvisadas.

Rezar [re'zaf], só em holandês. Isso é uma verdade. Porque quando eu vou dormir, eu faço a minha oração, né? Eu faço em holandês. Pode uma coisa dessa? E não é decorada, não, viu? (WSGG).

### **Quanto à língua portuguesa**

O grupo 2Fa demonstra atitudes positivas em relação à língua portuguesa. Assim como o grupo anterior, este considera que, em comparação ao holandês, a língua portuguesa é uma língua ‘mais bonita’ e ‘mais fácil’.

Mas a qualidade mais importante do português, segundo as informantes, é a de ser uma língua ‘agregadora’, pois aproxima ‘holandeses’ e ‘brasileiros’, num (quase) grupo homogêneo.

O português é bom porque todo mundo fala. Todo mundo. Não é só a gente, daí (WSGG).

Primeiro era o holandês que era ‘a’ língua, na época da minha mãe e quando eu era pequena. Agora é o português (AJWB).

### **Grupo 2Fb**

#### **Quanto à língua holandesa**

O grupo 2Fb manifesta atitudes negativas em relação à língua holandesa. Mostra-se profundamente incomodado em ser identificado como ‘holandês’ especialmente por meio do ‘sotaque feio’ (que se caracteriza pelo r-forte vibrante e simples) que o holandês como primeira língua ‘deixou’ no português.

Acho que eu também passei por isso, na época. Mudar de escola, né? Mudei de Carambeí pra Ponta Grossa. Nós falamos o ‘r’ [r], né? Rato ['ratu]. A gente aprendeu assim. Mas a minha filha, a minha filha tem sete anos, já fala ‘rato ['xatu]’. Não é mais aquele ‘r’ [r]. O pessoal falava assim: ‘Ah, vocês são lá da roça ['xəsa]’, sabe?? Nós tinha que escutar, viu?? Eu sempre fui quieta por causa disso (IS).

Assim, todo mundo pede por que, né? Você tem o sotaque. Todo mundo tem e o meu é bem acentuado. E dáí fica aquela coisa de [que] eu não sou brasileira (IS).

No que diz respeito à ‘serventia’ (ou falta de) da língua holandesa, as mulheres deste grupo não são tão ‘práticas’ quanto os homens do grupo 2M, que classificam o holandês como ‘língua inútil’, mas também se manifestam quanto à falta de ‘funcionalidade’ e de valorização da língua holandesa.

O holandês não é tão valorizado mundialmente. Não é uma língua universal, né? (IS)

Também, diferentemente do grupo anterior, este não manifestou sentir-se ‘obrigado’ a falar holandês com os pais, apesar de fazê-lo.

#### **Quanto à língua portuguesa**

O grupo 2Fb demonstra atitudes positivas em relação à língua portuguesa. Assim como o grupo anterior, este considera que a língua portuguesa é uma língua ‘mais bonita’ e ‘mais fácil’ que a holandesa.

### **Grupo 3M**

#### **Quanto à língua holandesa**

Diferentemente dos grupos anteriores, o grupo 3M não é uniforme no que diz respeito à fluência em holandês. Uma parte considera-se bilíngue em português/holandês, apesar de acreditar que a sua língua ‘verdadeira’ seja o português, e outra afirma que fala holandês ‘muito mal’, é bilíngue incipiente, portanto. No entanto, o grupo como um todo considera a língua holandesa ‘muito difícil’, independentemente de falá-la ‘bem’ ou não.

Eu não sei falar bem holandês. Não sabia falar bem holandês. Eu me atrapalho (PM).

A maioria dos jovens do sexo masculino revela ser somente bilíngue incipiente.

Não, porque entender eu entendo, né? Entender a gente entende, mas na hora que ele falar uma coisa que tu não entendeu... Emergência a gente tenta falar (CD).

O grupo que se diz fluente manifesta atitudes positivas em relação à língua holandesa – ao mesmo tempo em que a considera uma língua ‘distante’, não sua – e coleciona histórias sobre pessoas que tiveram ótimas oportunidades de trabalho ou estudo pelo fato de falar holandês, o que sustenta a crença – bastante frequente entre os ‘holandeses’ de Carambeí – de que ‘falar holandês pode fazer diferença na vida de uma pessoa’.

Meu primo já foi pra Holanda e voltou superbem. Eu vou também, quando terminar a faculdade. Tudo fica mais fácil depois. Principalmente emprego (CD).

O grupo que se diz não fluente também concorda que o holandês pode ser ‘útil para alguma coisa’, no futuro, uma espécie de ‘plano B’, no caso de os projetos de trabalho e de estudo no Brasil não darem certo. No entanto, a falta de fluência (real ou autodeclarada) em holandês, que poderia impedir ou dificultar uma viagem de estudos ou trabalho à Holanda, não parece preocupar os entrevistados,

uma vez que ‘podem aprender holandês em uma ou duas semanas’, se assim o quiserem.

E agora vai um [rapaz] que estudou biologia na universidade e não encontrou serviço até agora. Então dia 12 de abril ele vai para a Holanda para um ano ou dois anos. Ele precisa estudar holandês, lógico, mas ele pode trabalhar lá, não tem problema. Ele sabe pouco, mas ele aprende logo o holandês lá, quando ele conviver lá. Tem que aprender (DF).

Além disso, para os jovens ‘holandeses’ do sexo masculino a língua holandesa é considerada a língua ‘dos avós’, ou seja, é uma língua ‘estrangeira’ que se ‘estuda na escola porque os pais querem’.

O holandês é tipo assim uma língua estrangeira, que a gente aprende só na escola, né? Que nem inglês. E todo mundo estuda holandês porque o pai manda (FF).

#### **Quanto à língua portuguesa**

Para o jovem do sexo masculino, a língua portuguesa é considerada uma língua ‘mais fácil’, além de ser a língua que o deixa à vontade e que o identifica como brasileiro que é.

Português é mais fácil, né? É melhor de falar, porque é a nossa língua (CD).

É uma língua ‘normal’, que faz com que ele se sinta parte do grupo e não um estrangeiro no seu país.

É uma língua normal. Não é diferente, que nem o holandês. E todo mundo fala. Todo mundo entende. É a língua do país, né? (GF)

Os jovens do grupo acreditam que o monolingüismo em português acontecerá dentro de pouco tempo inevitavelmente, o que não é lamentado, nem comemorado. É só um fato inevitável.

E já ta acontecendo isso aí: daqui um pouco ninguém mais vai ta falando holandês. É sempre assim que acontece, né? (MG)

#### **Grupo 3F**

##### **Quanto à língua holandesa**

O grupo das moças também é heterogêneo em termos de como se manifesta em relação à fluência em língua holandesa. Metade do grupo julga que ‘fala bem’ holandês e a outra metade acredita que fala ‘muito mal’. Da mesma forma, tal como o grupo anterior, as jovens ‘holandesas’ consideram a língua holandesa ‘muito difícil’, independentemente de falá-la ‘bem’ ou não.

Nossa, é muito difícil! Tem que estudar muito (SSM).

O grupo também manifesta atitudes positivas em relação à língua holandesa por causa das histórias sobre pessoas que foram à Holanda e ‘se deram bem’.

Eu escrevo pro meu tio na Holanda. E-mail. Quando ele veio aqui, há uns 4, 5 anos atrás, ele me falou: ‘pra você manter o holandês, escreva bastante pra mim. Nem que cê escreva errado, eu corrojo [ko'xiʒo] teu e-mail e mando outro e-mail pra você’. E assim a gente se corresponde [koxes'pôde] e eu não esqueço o holandês, porque logo, logo eu vou pra lá estudar. Isso vai ser muito bom. Todo mundo que fez isso se deu bem (GF).

Além disso, as jovens “holandesas” parecem ter um carinho muito grande por aquela que é a língua “dos nossos pais” e dos “nossos avós”.

Eu acho lindo a minha mãe falando com a minha vó. Às vezes eu entendo uma coisa ou outra (MD).

#### **Quanto à língua portuguesa**

Como o grupo anterior, as jovens ‘holandesas’ também consideram que a língua portuguesa é uma língua ‘mais fácil’.

Eu acho mais fácil falar português, né? É bem mais fácil (FD).

Ao contrário do grupo anterior, as ‘holandesas’ lamentam o fato de a comunidade caminhar para uma situação de monolingüismo em português, apesar de também acreditarem que isso acontecerá ‘inevitavelmente dentro de pouco tempo’.

Essa nova geração já não se interessa [por aprender a língua holandesa]. Os filhos, pode até colocar na aula de holandês, mas não vai adiantar. Eu acho que tem que ter o incentivo em casa. Logo, logo ninguém mais vai falar holandês. Eu acho uma pena (SSM).

#### **O português falado pelos ‘holandeses’ de Carambeí**

Neste artigo, retomam-se as conclusões de Verburg (1980) sobre o português falado por descendentes de holandeses em Castrolanda, Estado do Paraná, outra colônia holandesa do Paraná, estabelecida entre 1951 e 1954. Naquele estudo, Verburg (1980) buscou verificar o papel das variáveis sociais na aquisição de uma segunda língua, no caso o português, uma vez que a língua materna dos imigrantes holandeses e de seus descendentes à época era o holandês. Mais explicitamente, procurava investigar a natureza da correlação existente entre as variáveis sociais observadas – sexo, idade, instrução, ocupação e índice de contato com o português – e o desempenho linguístico, em português, dos falantes de Castrolanda.

Desse modo, o trabalho buscava responder à seguinte pergunta: ‘quando falam português, os ‘holandeses’ de Castrolanda realizam o r-força como tepe, em função da influência do holandês?’ Em relação a essa questão, encontraram-se os seguintes resultados: na variedade de português falada pelas mulheres, comparadas à dos homens, há uma grande ocorrência de tepe como r-força; também na variedade de português falada pelas pessoas mais velhas, em comparação à das mais jovens, há uma predominância de tepe como realização de r-força; os menos instruídos falam igualmente uma variedade de português em que o tepe como r-força predomina; enfim, no português falado pelos que têm um contato menor com a língua portuguesa também prevalece o tepe como realização do r-força.

Enfim, a autora confirmou a hipótese inicial de que a presença de tepe como r-força no português falado pelos ‘holandeses’ é influência da língua holandesa sobre a portuguesa, uma vez que, segundo resultados da pesquisa, o tepe como r-força se dá menos frequentemente na variedade de português falada pelos que têm mais contato com o português.

As especificidades fonéticas e alopônicas próprias de cada língua são, sem dúvida, um dos principais fatores responsáveis pelo surgimento de interferências comumente detectadas na fala de estrangeiros, denominadas de sotaque. Por essa razão, passemos, na sequência, a uma breve descrição dos sistemas consonantais da língua holandesa e da língua portuguesa.

#### **Descrição fonético-fonológica dos róticos e das fricativas do holandês padrão**

Segundo descrição de Gillis e De Houwer (1998), a língua holandesa padrão tem como um fonema rótico e uma fricativa: tepe e fricativa velar. Ao primeiro fonema, tepe, corresponde a letra ‘r’; ao último, ‘g’ e ‘ch’. O tepe possui um alopone, a vibrante, e a fricativa velar possui o alopone fricativa uvular.

Segundo falantes nativos, em língua holandesa, tepe se mantém tepe em quaisquer contextos fonológicos, em segunda posição de ataque silábico e em posição de ataque silábico no meio de palavra, numa fala dita ‘normal’, ‘corrente’. Por outro lado, tepe passa a vibrante quando se quer dar ‘ênfase à palavra’.

#### **Descrição fonético-fonológica do r-força no português brasileiro**

Como já foi dito, dentre as várias interferências fônicas detectadas na produção oral em português dos bilíngues em holandês/português, selecionamos o fonema vibrante porque tanto Verburg (1980) quanto os próprios informantes entrevistados neste

trabalho sugerem que a realização do r-força como tepe é uma das principais características do sotaque ‘holandês’ na língua portuguesa.

É preciso considerar que o fonema /r/ é um dos sons consonantais do português brasileiro que mais recebeu atenção por parte de foneticistas e fonólogos variacionistas (como CALLOU et al., 1997), pela grande variabilidade apresentada em seu uso.

Justamente por apresentar grande variabilidade, os principais estudos sobre a vibrante foram efetivados a partir da perspectiva da sociolinguística laboviana. Tais estudos apontaram, entre outras coisas, que a vibrante tem ocorrências e frequências diferenciadas por variedades de língua, isto é, ou ela pode servir como identificador da região de origem do locutor, ou como marca de sua identificação sociocultural. Nesse sentido, observe-se que as pesquisas de Monareta (1992, grifo nosso), por exemplo, sugerem que “os ‘bilíngues de colonização europeia substituem a vibrante múltipla pela simples, em qualquer posição da palavra”.

Enfim, na situação estudada, constatou-se que a variante tepe disputava terreno com a forma vibrante na parcela da comunidade que estabelece contato moderado com outras variedades dialetais do português e concordia com a fricativa na parcela da comunidade que mantinha contato intenso com tais variedades. Tal situação faz da vibrante uma forma intermediária, conciliatória, coerente com seu próprio valor fonológico enquanto variante de transição entre a forma tepe, extremamente ‘interiorana’, e a fricativa, extremamente ‘urbana’.

Como já se disse, no português do Brasil, o r-força é condicionado pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos (CRISTÓFARO SILVA, 1999). No português brasileiro, o r-força pode ser pronunciado como fricativa velar, fricativa glotal, tepe ou aproximante. Já no estado do Paraná, na região dos Campos Gerais (à qual pertence a cidade de Carambeí), segundo o Atlas linguístico-etenográfico da Região Sul do Brasil (KOCH et al., 2002), a pronúncia do r-força se dá como vibrante.

Por outro lado, segundo Callou e Leite (2000, p. 76), no português brasileiro atual verifica-se uma forte tendência em substituir a vibrante pelo r fricativo. Segundo as autoras, além de a pronúncia fricativa do ‘r’ em substituição à vibrante não ser recente (já era documentada ainda no final do século XIX) no cenário fonético do português falado no Brasil, a pronúncia do r fricativo é mais privilegiada dentre os falantes no território nacional.

Por meio de suas pesquisas, efetuadas no Rio de Janeiro, as autoras puderam constatar que, mesmo nas classes que empregam a fala culta, esse fenômeno é bastante generalizado. Segundo Abaurre e Sândalo (2003), essa consoante já está tão difundida no território nacional, que o uso da vibrante, na pronúncia de *r* inicial e dobrado, encontra-se, atualmente, restrito a apenas alguns dialetos, como os gaúchos, por exemplo.

No português do Brasil, quando a vibrante estiver no início de uma sílaba e não for precedida por uma vogal, ela pode permanecer vibrante, como ainda ocorre em algumas regiões do Rio Grande do Sul, ou ser realizada como uma fricativa glotal na maioria dos dialetos (ABAURRE; SÂNDALO, 2003, p. 161-162).

Dessa forma, comparando-se os sistemas consonantais do holandês e do português, destacam-se determinadas lacunas que revelam que alguns fonemas do português não têm correspondentes no holandês e vice-versa (VERBURG, 1980).

As Tabelas 2 e 3 resumem essa comparação:

**Tabela 2.** Consoantes do português que não fazem parte do sistema fonológico do holandês sociocultural dos informantes.

Oclusiva	Fricativa	Vibrante	Nasal	Aproximante lateral
velar	pós-alveolar	alveolar	palatal	palatal
g	ʃ z	r	ɲ	ʎ

**Tabela 3.** Consoantes do holandês que não fazem parte do sistema fonológico do português sociocultural dos informantes.

Fricativa velar	Nasal velar
v	ŋ

Portanto, considerando-se a análise de Verburg (1980), o que se deve levar em conta é o fato de que, em holandês, vibrante e tepe são alofones de /r/, para quaisquer contextos, ao passo que em português o tepe restringe-se aos ambientes V\_V, C\_V e CV\_<sup>4</sup> em algumas variedades. Daí a interferência que faz com que os ‘holandeses’ de Carambeí tenham a tendência de usar o tepe também como r-forte ao falar português.

## Resultados

### Análise das ocorrências de r-forte no português de Carambeí

No total, foram encontradas e analisadas 1689 ocorrências de r-forte. A seguir pode-se observar a ocorrência de r-forte por grupo de informantes.

### Grupo 1M

No que diz respeito à pronúncia do r-forte, o grupo 1M teve um total de 287 ocorrências de r-forte, das quais 37,3% (107 ocorrências) foram de vibrante e 62,7% (180 ocorrências), de tepe. O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH et al., 2002, p. 148-153, cartas 44, 45 e 46) atesta a ocorrência de tepe como realização de r-forte em localidades em que existem colônias de imigrantes europeus. Ainda segundo o Alers, na região de Ponta Grossa, a que a cidade de Carambeí pertence, o r-forte no português falado pelos não-imigrantes é a vibrante, o que leva a pensar que a ocorrência de tepe nos dados se deva à influência do holandês. A ocorrência desse som em termos de porcentagem, no caso do Grupo 1, foi importante. E como o r-forte do português falado pelos ‘não holandeses’ da região é a vibrante, pressupõe-se que o grupo também mantenha um contato razoável com os ‘brasileiros’ e a língua portuguesa.

### Grupo 1F

Já o Grupo 1F teve um total de 312 ocorrências de r-forte. O som foi pronunciado quase sempre (94%, ou seja, 293 ocorrências) como tepe contra 6% (ou 19 ocorrências) de vibrante. No entanto, diferentemente do Grupo 1M, a variante preferida das informantes parece ser o tepe (ao passo que o Grupo 1M oscila entre vibrante e tepe). Essa diferença pode ser explicada se considerarmos que as mulheres sempre falaram mais holandês do que português, frequentaram a escola por menos tempo e tiveram menos contato com a comunidade ‘não-holandesa’ do que os informantes do Grupo 1M.

### Grupo 2M

Da mesma forma que o Grupo 1M, o Grupo 2M também utiliza tanto a vibrante quanto o tepe como r-forte. Num total de 329 ocorrências, 90% (296 ocorrências) foram realizadas como vibrante e 10% (33% ocorrências), como tepe. Portanto, pode-se dizer que, em geral, no que diz respeito à pronúncia do r-forte, o português falado pelos ‘holandeses’ do Grupo 2M assemelha-se bastante ao português falado pelos ‘não-holandeses’ da região. Na verdade, esses 10% referentes ao tepe provêm da fala de apenas um informante do grupo, justamente o que tem um nível de escolaridade menor (Ensino Médio) e trabalha ali mesmo, na colônia, como guia do museu, função que o obriga, com muita frequência, a falar holandês.

<sup>4</sup> A abreviação V equivale a vogal e C, a consoante. Portanto, a sequência V\_V equivale a, por exemplo, vogal + tepe + vogal, como na palavra ‘ira’. Já a sequência C\_V equivale a consoante + tepe + vogal, como na sílaba *bra* da palavra ‘brava’. Enfim, a sequência CV\_ equivale a consoante + vogal + tepe, como na palavra ‘mar’.

### Grupo 2Fa

No Grupo 2Fa, em 134 ocorrências, apareceram somente vibrante (53 ocorrências, ou seja, 40%) e tepe (81 ocorrências, ou seja, 60%).

### Grupo 2Fb

No outro grupo, Grupo 2Fb, num total de 117 ocorrências, pôde-se observar a presença de fricativa (92 ocorrências, ou seja, 78,6%), ainda que em alternância com a vibrante (25 ocorrências, ou seja, 21,4%).

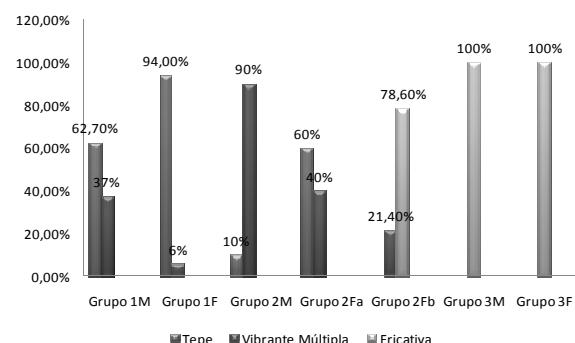
### Grupo 3M

O Grupo 3M é um grupo altamente uniforme, apesar de ser composto tanto por bilíngues efetivos, quanto por bilíngues incipientes em holandês/português. Em 293 ocorrências de r-forte, houve 100% de fricativa, incluindo a fala dos bilíngues efetivos em português/holandês. Na fala do grupo não ocorreu vibrante ou tepe como r-forte.

### Grupo 3F

O Grupo 3F também é um grupo uniforme. Em 217 ocorrências de r-forte, houve 100% de fricativa, aí incluída a fala das jovens bilíngues efetivas em português/holandês. Não se verificou a presença de vibrante ou tepe como r-forte no português falado pelas jovens ‘holandesas’ de Carambeí.

Enfim, a Figura 1 resume os resultados dessa pesquisa no que diz respeito às variantes de r-forte presentes no português falado em Carambeí pelos ‘holandeses’.



**Figura 1.** Variantes de r-forte no português falado pelos ‘holandeses’ de Carambeí.

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

## Discussão

### A relação entre atitudes linguísticas e o r-forte no português falado pelos ‘holandeses’ de Carambeí

#### Grupo 1M

De acordo com o que foi discutido anteriormente, os ‘holandeses’ do Grupo 1M manifestam atitudes extremamente positivas em

relação à língua holandesa (a ‘sua língua’), como língua que se fala em casa, com a família, e na Igreja.

Os idosos do sexo masculino também manifestam atitudes positivas em relação à língua portuguesa, que, no entanto, não é a ‘sua língua’. Como na língua portuguesa falada pelo grupo as variantes de r-forte são vibrante e tepe, pressupõe-se que o português ‘carregado’, com sotaque ‘forte’ esteja associado às atitudes extremamente positivas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa, aquela que é considerada a ‘verdadeira’ língua do grupo.

#### Grupo 1F

O grupo manifesta atitudes extremamente positivas em relação à língua holandesa, pois acredita que falar holandês ajuda na conservação dos valores da tradição da família ‘holandesa’. No entanto, as idosas mostraram-se conformadas com o fato de os jovens não se interessarem mais em aprender holandês.

O português falado pelo grupo, no que diz respeito ao aspecto analisado, caracteriza-se pelo uso quase exclusivo de tepe, o que torna o seu sotaque extremamente ‘forte’, identificador do grupo étnico a que pertence o informante, o que estabelece uma relação com as atitudes extremamente positivas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa, aquela que é considerada a ‘verdadeira’ língua do grupo.

#### Grupo 2M

Segundo o Grupo 2M, a língua holandesa atualmente é uma língua ‘inútil’, ‘que não serve para nada’, a não ser para ser usada em interações com os idosos da família. Já a língua portuguesa é considerada uma língua ‘mais bonita’, ‘melhor de ouvir’, ‘mais fácil’, além de ser uma língua que aproxima ‘holandeses’ e ‘brasileiros’.

O grupo usa quase exclusivamente a variante vibrante como r-forte, a mesma variante presente no português falado na região pelos ‘não holandeses’, o que está de acordo com as atitudes negativas que o grupo manifesta em relação à língua holandesa e positivas, em relação à língua portuguesa.

#### Grupo 2Fa

Este grupo foi dividido em função do uso de fricativa (em concorrência ou não com a vibrante) e também se divide quanto às atitudes manifestadas

em relação às línguas holandesa e portuguesa. O subgrupo que usa vibrante e tepe (4a) manifesta atitudes positivas em relação ao holandês.

Em relação à língua portuguesa, o subgrupo 2Fa também mantém atitudes positivas em relação ao português, mas, diferentemente do próximo grupo, considera que tanto o holandês quanto o português são ‘suas línguas’.

### **Grupo 2Fb**

Já o subgrupo que usa a fricativa (4b) manifesta atitudes extremamente negativas em relação à língua holandesa, considerando-a ‘feia’, da ‘roça’, que só serve para deixar um ‘sotaque forte no português’.

Em relação à língua portuguesa, o subgrupo 2Fb manifesta atitudes extremamente positivas em relação ao idioma, assumindo, inclusive, que decidiu conscientemente ensinar somente português aos filhos, para que estes não tivessem um ‘sotaque forte em português’.

### **Grupo 3M**

O grupo mantém atitudes positivas em relação ao holandês, mas não considera que esta seja ‘sua língua’. Por outro lado, a língua portuguesa é considerada uma língua ‘mais fácil’, além de ser a língua que o deixa à vontade e que o identifica como brasileiro que é. É uma língua ‘normal’, que faz com que ele se sinta parte do grupo e não um estrangeiro no seu país. O grupo acredita que o monolingüismo em português acontecerá dentro de pouco tempo, inevitavelmente, o que não é lamentado, nem comemorado. É só um fato inevitável. Daí a ocorrência de fricativa.

### **Grupo 3F**

O Grupo 3F mantém atitudes positivas em relação ao holandês, mas, assim como os informantes do grupo anterior, não considera que esta seja a ‘sua língua’.

No que diz respeito à língua portuguesa, o grupo manifesta atitudes extremamente positivas em relação ao português, que é o seu ‘verdadeiro’ idioma. Como o grupo anterior, as jovens ‘holandesas’ também consideram que a língua portuguesa é uma língua ‘mais fácil’. Daí o uso da fricativa.

Na Tabela 4, pode-se observar a relação que se estabelece entre crenças e atitudes linguísticas e o uso de r-forte no português falado em Carambeí.

**Tabela 4.** Relação entre crenças e atitudes linguísticas e o uso de determinada variante de r-forte no português falado pelos ‘holandeses’.

Grupos	Atitudes em relação ao português	Atitudes em relação ao holandês	r-forte no português
Grupo 1M	Relativamente positivas (pois não considera que esta seja sua língua)	Extremamente positivas	Vibrante, tepe
Grupo 1F	Relativamente positivas (pois não considera que esta seja sua língua)	Extremamente positivas	Vibrante, tepe
Grupo 2M	Positivas	Negativas	Vibrante, tepe
Grupo 2Fa	Positivas	Positivas	Vibrante, tepe
Grupo 2Fb	Extremamente positivas	Extremamente negativas	Vibrante, fricativa Vibrante, fricativa
Grupo 3M	Extremamente positivas	Positiva (mas não a considera sua ‘verdadeira’ língua)	Fricativa
Grupo 3F	Extremamente positivas	Positiva (mas não a considera sua ‘verdadeira’ língua)	Fricativa

Fonte: a autora.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, propusemos analisar mais detidamente o indivíduo ‘holandês’, no sentido de estabelecer: a) as atitudes linguísticas que manifesta em relação às línguas holandesa e portuguesa; b) a variedade de português que ele fala no que diz respeito ao r-forte; c) que tipo de relação se dá entre atitudes linguísticas e uso de determinada variante de r-forte no português.

No que diz respeito às atitudes dos ‘holandeses’ em relação às línguas holandesa e portuguesa, estas não são uniformes. Os grupos distinguem-se quanto ao uso das línguas e quanto à avaliação destas.

Em relação à língua holandesa, os Grupos 1M e 1F manifestam atitudes positivas. Por outro lado, os Grupos 2M e 2F parecem viver um conflito bastante grande em relação à língua holandesa. Enfim, para os Grupos 3M e 3F, o holandês é uma língua ‘muito difícil’, porque é ‘muito diferente do português’, além de ser a ‘língua dos antepassados’.

Já em relação à língua portuguesa, a comunidade como um todo manifesta atitudes positivas. É considerada uma língua ‘fácil’, ‘bonita’, ‘sonora’, ‘de gente estudada’, além de ser ‘ilimitada’, que possibilita a aproximação entre ‘holandeses’ e ‘brasileiros’ e de ser a língua que, em breve, será a única falada em Carambeí.

No que diz respeito ao uso de r-forte, no grupo 1M houve um total de 37,3% de vibrante múltipla e 62,7% de tepe. O Grupo 1F teve 94% de tepe contra 6% de vibrante múltipla. O Grupo 2M teve 90% de ocorrência de vibrante múltipla e 10% de tepe. No Grupo 2Fa, houve 40% de vibrante e 60% de tepe. Já no outro grupo, Grupo 2Fb, houve 78,6% de fricativa e 21,4% de vibrante. Os Grupos 3M e 3F

são altamente homogêneos, uma vez que teve 100% de fricativa.

No que diz respeito à relação entre atitudes linguísticas e o r-força no português falado pelos ‘holandeses’ de Carambeí, pode-se dizer que determinadas atitudes parecem contribuir mais para o uso (exclusivo) de tepe: atitudes positivas em relação à língua holandesa. Já para o uso de vibrante, parecem contribuir mais as atitudes negativas em relação ao holandês. O uso de vibrante e fricativa parece estar relacionado a atitudes extremamente positivas em relação ao português e extremamente negativas em relação ao holandês. Finalmente, o uso exclusivo de fricativa parece estar ligado à total indiferença quanto à língua holandesa.

## Referências

- ABAURRE, M. B. M.; SÂNDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Ed.). **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 144-180.
- AMÂNCIO, R. G. **As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade**. 2007. 102f. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- BISINOTO, L. S. J. **Atitudes linguísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório**. 2000. 118f. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, I. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Unicamp, 1997. v. 6, p. 465-493.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CRISTÓFARO SILVA, T. Fonética e fonologia do português. São Paulo: Contexto, 1999.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- FERNÁNDEZ, F. M. Actitudes lingüísticas. In: FERNÁNDEZ, F. M. (Ed.). **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. p. 179-193.
- GILES, H.; RYAN, E. B. **Attitudes towards language variation**: social and applied contexts. London: Edward Arnold, 1982.
- GILLIS, S.; DE HOUWER, A. **The acquisition of Dutch**. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. **ALERS**: atlas linguístico-ethnográfico da região sul do Brasil. Curitiba: UFPR, 2002.
- MONARETTO, V. N. O. **A vibrante: representação e análise sociolinguística**. 104f. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.
- RICKLI, J. F. **A comunidade da benção: religião, família e trabalho na colônia Castrolanda**. 2003. 146f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- SAVILLE-TROIKE, M. **The ethnography of communication, an introduction**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1989.
- VERBURG, M. K. **O Bilinguismo em Castrolanda: aspectos sociais da aquisição da segunda língua**. 1980. 144f. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

*Received on March 2, 2009.*

*Accepted on May 20, 2009.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.